



OS NOVOS CASINOS DE LAS VEGAS

Crescem como cogumelos, recortando-se luminosos no céu de breu do deserto - pedaços de um imaginário colectivo que tem da história e da cultura europeias uma perspectiva cinematográfica e romântica. Las Vegas é o reino do faz-de-conta, cuja única realidade é o dinheiro que brota nos casinos na forma de fichas coloridas | Texto e fotografias de José Vítor Henriques



Sob o manto diáfano da fantasia, Las Vegas esconde os pecados de mil e uma noites. Um médico legista americano, contrariando a minha ideia de que se tratava de um lugar seguro para fazer turismo, confessou-me, off the record, que todos os dias ia aos hotéis confirmar óbitos provocados por suicídio, morte violenta ou *overdose*. Contudo, Las Vegas tem centenas de hotéis e milhões de visitantes, pelo que estes incidentes “menores” não passam, em termos estatísticos, de mais um grão de areia no deserto de Nevada. A cidade dos casinos surge, de facto, aos olhos do turista acidental como um oásis luminoso e mágico e não como a Sodoma e Gomorra dos tempos modernos.

Em Las Vegas todos os espectáculos têm uma componente de magia, ilusionismo ou de virtualidade tecno-

lógica onde à realidade cabe apenas o ingrato papel de desmancha-prazeres. Quando o turista vê David Copperfield voar no palco do Caesar’s Palace, ou continuar a descer as escadas com o tronco separado das pernas, depois de ter sido cortado ao meio por uma enorme serra mecânica; quando vê, ou pensa ter visto, de olhos arregalados de espanto e incredulidade, o duo Siegfried&Roy fazer desaparecer, duas vezes por noite, no teatro do Hotel Mirage, elefantes, leões, tigres brancos de olhos azuis e eles próprios, lá no fundo ele sabe que tudo não passa de um truque, mas vasculhar nos bastidores para descobrir a verdade seria como acordar abruptamente do sonho prometido no folheto turístico – e ninguém paga para ter pesadelos. A única realidade aqui é o dinheiro, que também desaparece, como por magia, nas mesas de jogo, disfarçado sob a forma de fichas coloridas de plástico.

A CIDADE DOS CASINOS SURGE, DE FACTO, AOS OLHOS DO TURISTA ACIDENTAL COMO UM OÁSIS LUMINOSO E MÁGICO E NÃO COMO A SODOMA E GOMORRA DOS TEMPOS MODERNOS

O turista que enche a “Strip” (a longa avenida dos casinos), com o mesmo entusiasmo ocioso que caracteriza a multidão que se passeia no centro comercial Colombo, aos fins-de-semana, só está interessado no que vê na montra sob a luz dos holofotes e não na desarrumação que vai dentro do armazém.

Uma gigantesca Expo

Pense numa gigantesca Expo permanente, os hotéis-casino representando os pavilhões dos diferentes países. O mesmo ambiente de festa, de aventura, de curiosidade, de desco-



Restaurantes a não perder:

Kokomos, Hotel Mirage

Sob a cúpula do trovão, num ambiente de paraíso tropical: vegetação abundante, o marulhar da água do riacho que circunscreve a sala de jantar, o cantar de pássaros exóticos e o suave ruído de fundo de uma cascata; cocktails coloridos, lombo de lagosta, filet-mignon, chardonay e sauvignon da Califórnia, sobremesas rebuscadas, serviço simpático (cubanos, filipinos, mexicanos) ao som das congas e dos ritmos das Caraíbas. Com 100 dólares faz a festa.

Olive's, Hotel Bellagio

Cozinha italiana de 3ª geração, ambiente entre o chique (os preços são selectivos) e o informal (o serviço é jovem e rápido com sotaque de Nova Iorque e um pouco pretensioso); se tiver sorte (*first come, first served*) pode arranjar uma mesa na varanda para ver o espectáculo maravilhoso dos "repuxos dançantes" no lago do Bellagio; ao fim-de-semana, sem reserva, esqueça...

Eiffel Tower, Hotel Paris

Lá no alto, no 11º andar da Torre. Mesa com vista sobre a cidade. Ambiente requintado fin-de-siècle, piano-bar, champanhe e patê, filet-mignon, ostras e outras iguarias; serviço "afrancesado", preços tipicamente franceses – a comida nem por isso. Sem reserva, nem sequer o deixam subir - um negro matulão tapa-lhe a porta do elevador. Leve o cartão de crédito, não é só a torre que é alta...

berta; a mesma sensação de segurança, de limpeza, de organização, que contrasta fortemente com o país real. Bastam umas horas em qualquer cidade americana para constatar que grande parte dos lucros do jogo é aqui utilizada para limpar as "ramelas" dos olhos: a pobreza, o desemprego, a exclusão social, o crime, até a prostituição, aliás proibida por lei, são disfarçadas pelo barulho das mil e uma luzes que incendeiam a noite logo que o véu negro do céu sem estrelas desce sobre os archotes incandescentes de dois e três mil quartos. As salas de jogos estão cheias de uma multidão heterogênea, quais borboletas esvoaçando atraídas pelo brilho das mesas de roleta, black-jack, póquer, craps, ou em busca de quiméricos jackpots milionários nas slot-machines, até queimarem as asas.

Os primeiros casinos basearam-se na limitada mitologia de um país sem história para atrair *cow-boys* em

escapadelas conjugais ou em "conjugações" pouco ortodoxas sacramentadas por Elvis Presleys de pacotilha: a expressão bem portuguesa "correr as capelinhas" tem aqui um sentido literal. Esgotada a fonte de inspiração, apostou-se numa filosofia diferente, e os casinos temáticos transformaram Las Vegas numa autêntica Disneylândia, onde já cabem a esposa, a sogra e até as crianças, que se passeiam agora divertidas aos ombros dos pais, sorvendo *Coca-cola* por palhinhas entre dentadas comunitárias no pão que a McDonald's amassou, com paragens obrigatórias no hotel Treasure Island para ver a batalha naval entre o navio pirata "Hispaniola" e a fragata "HMS Britannia" (réplicas em tamanho natural!), numa fantástica enseada onde nem as ondas foram esquecidas, com os figurantes a atirarem-se do alto dos mastros, enquanto o comandante britânico se afunda com o barco em chamas (os

PENSE NUMA GIGANTESCA EXPO PERMANENTE, OS HOTÉIS-CASINO REPRESENTANDO OS PAVILHÕES DOS DIFERENTES PAÍSES. O MESMO AMBIENTE DE FESTA, DE AVENTURA, DE CURIOSIDADE, DE DESCOBERTA

piratas vencem!), perante o gáudio da multidão, num evidente exercício de catarse colectiva do passado colonial recente, para ressurgir pouco depois pronto para mais uma batalha, como num jogo de computador.

Mais à frente, outra paragem obrigatória para assistir a mais um espectáculo de rua gratuito – a telúrica erupção do vulcão do Hotel Mirage: jactos de chamas sobem aos céus em fúria, enquanto os sons das entranhas da terra abafam os aplausos e os arrotos carbónicos das mui desvairadas gentes que, em fato de treino e sapatos de ténis, percorrem a via sacra dos casinos. Os mais resistentes chegam até às imediações do Luxor, o hotel-pirâmide, em vidro negro, guardado por uma imponente

te esfinge, depois de passarem em festa pelo New York, New York, que concentra todos os principais ícones da arquitectura da Grande Maçã, o descomunal MGM e o Excalibur, o castelo do Rei Artur na versão Branca de Neve.

Bellagio, Venetia e Paris

Os reformados e as famílias da grande classe média americana só por si seriam suficientes para manter em plena actividade as centenas de hotéis de Las Vegas. Mas as forças vivas da cidade seleccionaram agora como



alvo a classe média-alta, aproveitando a confusão de referências culturais mal assimiladas em viagens de férias à Europa.

O kitsch romano do Caesar's Palace, onde Cleópatra e Júlio César, em versão Cecil B. de Mille, posam para a fotografia com os turistas, num ambiente de luxo clássico moldado em gesso e papelão, deu lugar à so-



Espectáculos a ver

Siegfried&Roy, Hotel Mirage

Um espectáculo mágico. Uma mega-produção de milhões de dólares. Dezenas de artistas e animais em palco. Siegfried&Roy exibem os seus tigres albinos e raros de pêlo branco e olhos azuis. E fazem desaparecer tudo: os tigres, os elefantes e eles próprios. Já vi o espectáculo três vezes e nunca topei nada. Um deslumbramento.

Mystère, Hotel Treasure Island

Pela companhia Cirque du Soleil: palhaços, malabaristas, trapezistas e contorcionistas desafiam a gravidade e a credulidade dos espectadores num ambiente surrealista e onírico. Pura e simplesmente maravilhoso. Deveras o maior espectáculo do mundo. A abertura com os tocadores de tambores japoneses descendo do tecto sobre o público abre as hostilidades e só por si vale o preço do bilhete. Indescritível.

"O", Hotel Bellagio

Também pelo Cirque du Soleil, mas agora em meio aquático. No palco os actores ora correm e dançam, ora mergulham, ora nadam, ora navegam, porque o palco é afinal uma piscina. Ou talvez não. Porque em Las Vegas ilusão e realidade confundem-se facilmente. Fantástico, na verdadeira acepção do termo: estranho e irreal. Imperdível.

briedade e bom gosto de hotéis-casino como o Bellagio – o mais belo de Las Vegas: um monumento de pedra calcária, mármore e granito, com jardins interiores japoneses, lojas dos melhores costureiros italianos, restaurantes de elevada qualidade gastronómica, uma galeria de arte com originais de Van Gogh, Picasso e Matisse, um imenso lago exterior onde se exhibe um esplendoroso jogo de repuxos cibernéticos, que dançam ao som de conhecidos sucessos musicais, e o toque mediterrânico – encantador para nós, meridionais – dos pinheiros mansos, oliveiras e laranjeiras. Nós por cá todos bem: andamos entretidos a plantar palmeiras.

No Venetia, atravessa-se uma ponte veneziana para desaguar numa surpreendente réplica da praça de S. Marcos, onde não foi sequer esquecido o ex-libris das gôndolas atracadas num cais de águas verde-escuro a lembrar os canais. No interior, os

maravilhosos tectos pintados transformam o casino num sumptuoso palácio ducal frequentado por magotes de turistas que o mais perto que tinham estado de Veneza fora naquela visita em grupo a Venice Beach, uma das praias de Los Angeles – bem foleira, por sinal; enquanto os mais viajados detestam a verdadeira praça de S. Marcos, porque, alegam, cheira ao bafio dos séculos, e preferem a réplica de cara pintada do Venetia, qual croupier a tentar disfarçar os anos sem sono.

Mas o gosto dos americanos pelo excesso foi mais forte, e das areias do deserto brotou outro hotel “impossível”, com o arquitecto a cometer o feito de meter, não o Arco da Rua Augusta, mas o Arco do Triunfo, a Ópera, o Palais de Ville e, *noblesse oblige*, a Torre Eiffel, tudo junto, na rua da Betesga – Paris, Las Vegas, assim se chama a nova atracção turística da cidade-luz.

Podem até subir-se à Torre como em



OS REFORMADOS E AS FAMÍLIAS DA GRANDE CLASSE MÉDIA AMERICANA SÓ POR SI SERIAM SUFICIENTES PARA MANTER EM PLENA ACTIVIDADE AS CENTENAS DE HOTÉIS DE LAS VEGAS

Paris. Do alto do seu cento e cinquenta metros, desfruta-se igualmente de uma magnífica vista: lá em baixo, o rio de lava dos faróis dos automóveis desliza pastoso entre dezenas de hotéis que brilham como o farol de Alexandria, enquanto a cidade em volta se espraia mansa e chã até desaguar incógnita na escuridão das montanhas.

Sob as arcadas da Torre, tilintam slot machines frenéticas, ouvem-se gritos entusiasmados e gargalhadas avulsas; enquanto seres de olhar perdido na sorte do jogo vagueiam envoltos numa luz soturna que esconde habilmente a angústia do jogador no momento da decisão.

Armani e Nike à mesma mesa

Las Vegas é a cidade dos EUA onde há mais dinheiro e menos preconceitos. Na mesma mesa de jogo, confraternizam casais vestidos por Armani e pela Nike. De smoking e de jeans. De sapatos de verniz e de ténis. O seu estatuto é apenas aferido pelo nível de aposta. Se joga forte tem direito a um cartão dourado que lhe abre algumas portas e lhe evita o incómodo das bichas - uma instituição na cidade: para o check-in, para o check-out, para o pequeno-almoço, para o táxi. Aos melhores jogadores é oferecida uma suite com sauna, jacuzzi e massagem (completa). E bem precisam...

Quando o sol abrasador do deserto acorda, a máscara cai finalmente e deixa ver a verdadeira face de Las Vegas, com a maquilhagem de néons coloridos acesa ainda durante a ma-



nhã, numa última tentativa para disfarçar a ressaca provocada pela orgia de luz que inundou a cidade durante toda a noite. É altura de fechar um pouco os olhos e descansar. *Rien ne va plus.* ■